

# INTER-LEGERE

---

SEGURANÇA E CONFIANÇA NA EXPERIÊNCIA DA AMIZADE

Jainara Gomes de Oliveira

**SEGURANÇA E CONFIANÇA NA EXPERIÊNCIA DA AMIZADE<sup>1</sup>**

**SAFETY AND CONFIDENCE IN THE EXPERIENCE OF FRIENDSHIP**

Jainara Gomes de Oliveira<sup>2</sup>

## RESUMO

Neste artigo, elaboro uma análise aproximativa entre segurança e confiança nas experiências de amizade de Clarice (branca, 40 anos), residente em João Pessoa (PB). Nesta análise antropológica, percebe-se que esses sentimentos marcam seus sentidos de amizade. As descrições etnográficas analisadas foram produzidas a partir de entrevistas formais, conversas informais, observação participante e constituição de redes de relações.

**Palavras-chave:** (Homo)sexualidade feminina. Amizade. Confiança. Segurança.

## ABSTRACT

In this article, I aim to analyse the relationship between security and confidence in the friendship experiences of Clarice (white, 40 years old), that resides in João Pessoa, Paraíba. In this anthropological study, these affections mark Clarice's sense of friendship. The ethnographic descriptions analysed here are the product of formal interviews, informal conversations, participant observation and relationship network.

---

<sup>1</sup> Agradeço ao CNPq pela bolsa de doutorado outorgada.

<sup>2</sup> Doutoranda em Antropologia Social do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista do CNPq. E-mail: jainara.oliveira@posgrad.ufsc.br

**Keywords:** Female (homo)sexuality. Friendship. Confidence. Safety.

### INTRODUÇÃO<sup>3</sup>

Neste artigo, elaboro uma análise aproximativa entre os sentimentos de segurança e confiança nas experiências de amizade de Clarice<sup>4</sup> (branca, 40 anos), que reside em João Pessoa, capital da Paraíba, na região Nordeste do país. Para tanto, situo a segurança e a confiança como categorias analíticas amparadas pelo campo da antropologia das emoções<sup>5</sup>, o que implica entender como os sentimentos são engendrados e enredados nos vínculos afetivos.

Sendo assim, evidencio tanto a dimensão subjetiva e pessoal quanto a dimensão da experiência e dos sentidos sociais da narrativa de Clarice, já que, na esteira de Maluf (1999, p. 69), entendo a narrativa “como forma de interpretação da experiência individual e coletiva e como veículo de sentido”.

As descrições etnográficas aqui analisadas foram produzidas a partir do trabalho de campo que realizei em João Pessoa para meu doutorado em

---

<sup>3</sup> Agradeço a Chiara Albino pela leitura atenciosa e comentários críticos.

<sup>4</sup> A fim de preservar a identidade da interlocutora, uso um nome fictício.

<sup>5</sup> Neste artigo, não pretendo discutir os pressupostos teóricos e metodológicos que configuram o campo da antropologia das emoções. Cabe ressaltar, no entanto, que parto da chave de leitura fornecida por Koury (2004). Ver Oliveira (2014, 2015, 2016a; 2016b).

Para Koury (2014, p. 9), “[a]s emoções nas ciências sociais e, especificamente, na antropologia e sociologia, podem ser definidas como uma teia de sentimentos dirigidos diretamente a outros, e causados pela interação com os outros em um contexto e situação social e cultural determinados. A antropologia e sociologia das emoções, vistas como áreas de interesse em intenso compartilhamento e debates, deste modo, parte do princípio de que as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por uma pessoa são produtos relacionais entre os indivíduos, a cultura e a sociedade da qual faz parte. Em suas fundamentações analíticas, vão além do que uma pessoa determinada sente em certas circunstâncias, ou em relação às histórias de vida estritamente pessoais. As preocupações que orientam os debates no interior destes campos disciplinares que relacionam emoções, cultura e sociedade, portanto, se dirigem aos fatores culturais e sociais que influenciam a esfera emocional, como elas interagem, como se conformam e até onde vai a influência e a reciprocidade entre elas”.

Sobre o lugar das emoções como objeto de estudo das ciências sociais, ver Koury (2009), particularmente sobre a antropologia e a sociologia das emoções no Brasil”. Ver Koury e Barbosa (2015).

antropologia<sup>6</sup>. O trabalho de campo, assim, está organizado a partir de entrevistas formais, conversas informais, observação participante e constituição de redes de relações.

### CAMINHOS DO DESEJO

Conheci Clarice numa festa na casa de uma amiga em comum. Foi um momento oportuno para conversar sobre minha pesquisa. Desde a primeira vez em que fomos apresentadas, ela se mostrou aberta ao tema. Depois desse primeiro momento, nos encontramos em outras ocasiões, entre elas, um encontro inesperado em uma pequena livraria na zona sul da cidade. Na ocasião, Clarice me convidou para acompanhá-la a um café naquela região.

No caminho, contando um pouco sobre suas primeiras experiências afetivas e sexuais, ela disse que se sentiu atraída pela primeira vez com 15 anos de idade, por outra mulher, uma “amiga de rua” de 14 anos. Elas moravam no mesmo condomínio residencial e se encontravam na rua para jogar bola, rodar pião, soltar pipa, entre outras “brincadeiras de menino”. A esse respeito, Clarice recorda:

*Eu achava estranho pensar nessa amiga. Foi estranho demais. Ela morava no mesmo condomínio que eu. Eu estranhava o que estava sentindo e me questionava: “O que é isso? Que sentimento é esse?”. E não foi só uma vez.*

*Quando comecei a entender o que sentia, o sentimento ficava cada vez mais forte. Daí eu passei a imaginar como ela estava. Queria saber como foi o dia dela. Me preocupava com ela. E isso foi mudando minha maneira de pensar: não era só mais uma amiga; era uma pessoa muito significativa para mim. Mas eu não sabia o que era esse significado.*

*Ela tinha um jeito carinhoso, que eu acabei confundindo com outra coisa. E não era o que eu achava. Isso acabou se tornando uma decepção pra mim.*

---

<sup>6</sup> Os resultados aqui apresentados são parciais. Esta pesquisa tem como objeto de estudo a relação analítica entre regimes de visibilidade, mudanças sociais e desejos de reconhecimento de práticas homoeróticas entre mulheres envelhecidas que se autoidentificam negras, pardas e/ou brancas e pertencentes a diferentes estratos socioeconômicos. Está sendo realizada, por fim, junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, com a orientação da Profa. Dra. Sonia Maluf e bolsa do CNPq.

## INTER-LEGERE

---

### SEGURANÇA E CONFIANÇA NA EXPERIÊNCIA DA AMIZADE

Jainara Gomes de Oliveira

*Eu nunca contei nada para ela. Ela se casou com um homem. Mas eu achava que tinha alguma coisa ali, e até hoje acho que tinha<sup>7</sup>.*

Quando chegamos, sentamos à mesa e fizemos nosso pedido. Eu pedi um café expresso e uma fatia de torta de maçã com calda de caramelo; Clarice, um cappuccino italiano e uma fatia de torta de limão. Naquela tarde de inverno, o Sol despedia-se a passos lentos, e Clarice também parecia não ter pressa. Continuando nossa agradável conversa, ela me contou outras paixões, como uma amiga daquela outra amiga, que morava no mesmo condomínio.

*Depois dela, apareceu outra amiga, que hoje também se casou e tem uma filha. Essa experiência foi mais normal. Eu já relaxei mais. Eu já sabia mais ou menos o que sentia. Agora eu sabia que a outra pessoa não sentia o mesmo por mim. E eu já sabia trabalhar melhor isso dentro de mim.*

A primeira experiência sexual de Clarice com uma mulher aconteceu quando ela tinha 25 anos, com uma parceira que ela conheceu num site de encontros. Depois de várias conversas on-line, elas decidiram se conhecer pessoalmente. Clarice disse que o primeiro encontro foi agradável, pois sua parceira já havia se relacionando afetiva e sexualmente com outras mulheres.

*A interação com ela foi mais fácil. Eu me sentia muito à vontade para conversar e explicar o que estava sentindo. Ela me ajudou a entender o que eu realmente sentia, pois no início eu não sabia o que queria nem estava certa daquilo.*

Clarice ressalta, no entanto, o desconforto que sentiu ao se relacionar sexualmente pela primeira vez com sua parceira:

*Nossa primeira vez foi estranha demais para mim. Eu me senti muito desconfortável. Só ela sentiu prazer. Eu dava prazer mas não sentia. Ela não retribuía. [...]. Naquela relação eu achava isso normal, porque aquilo pra mim era novo, diferente.*

---

<sup>7</sup> Os trechos apresentados referem-se a entrevistas com Clarice em setembro de 2016, transcritas no meu diário de campo.

## INTER-LEGERE

---

### SEGURANÇA E CONFIANÇA NA EXPERIÊNCIA DA AMIZADE

Jainara Gomes de Oliveira

Enquanto bebíamos café e comíamos torta, Clarice lembrava que este foi um relacionamento muito conturbado, pois ela sentia muito medo de perder a parceira. Naquele momento, ela acreditava que não se envolveria com outra mulher além dela. Mas, devido a constantes desentendimentos, o relacionamento chegou ao fim depois de dois anos e meio.

Meses depois, Clarice conheceu outra parceira por meio de uma amiga em comum. Como acreditava que agora seria um relacionamento mais maduro, mesmo se sentindo insegura e nunca ter comentado nada sobre sua orientação sexual, decidiu apresentá-la à mãe. Da mesma forma, Clarice não se sentia segura para contar aos amigos sobre sua relação, pois acreditava que não existia abertura para conversar sobre o assunto. Apesar do medo da rejeição e de quebrar a confiança dos amigos e da mãe, Clarice assumiu publicamente aquela relação.

### VISIBILIDADE E CUSTOS AFETIVOS

Em outro momento (OLIVEIRA, 2016a, 2016b), comentei que a visibilidade sexual, quando conduzida pelo segredo e pela vergonha da revelação pública, implica dilemas morais e éticos. Pois a exigência normativa de “sair do armário” é um modo de regular a vida social e individual, o que pode influenciar nossas relações afetivas (MELO, 2016; SANTANA, 2017; SEDGWICK, 2007;). Ao ressaltar o ato de “se assumir” ou “abrir o segredo” como uma decisão consciente de Clarice, eu gostaria de sublinhar, ao mesmo tempo, que essa escolha não depende apenas do seu desejo individual, uma vez que

a possibilidade de que os indivíduos escolham ou possam escolher “assumir” projetos e estilos de vida homoeróticos não depende necessariamente das suas “escolhas” subjetivas, mas sim das possibilidades históricas e culturais, uma vez que a experiência individual de cada sujeito adquire significado particular dentro das regras sociais e culturais. Portanto, “assumir” projetos e estilos de vida homoeróticos não satisfaz apenas uma ordem de fatores individuais, mas aponta toda uma lógica societária de organização da individualidade em

campos de possibilidades bastante concretos. [...] A intrínseca relação entre a singularidade dos sujeitos sociais e os processos sociais de construção identitária, por sua vez, provoca a necessidade de problematizar a “margem relativa da possibilidade de escolha” como desejo individual. Deve-se analisar, para tanto, os aspectos subjetivos e paradigmas culturais existentes que envolvem essas “escolhas”. [...] [É] no interior de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente, que os projetos individuais e coletivos podem ser elaborados e construídos. Deste modo, a noção de projeto, com todas as suas ambiguidades, implica em possibilidade de mudança individual no interior e a partir de um mapa sociocultural relacional. [...]. [E] vincula-se intimamente a uma realidade objetiva e externa, que implica uma avaliação moral dos custos emocionais para os indivíduos em interação. (OLIVEIRA, 2016a p. 101-103)

No que se segue, procuro descrever a justificação moral e o custo afetivo por meio dos quais Clarice negociava a visibilidade de suas relações homoeróticas no cotidiano familiar e em suas amizades. Trata-se, mais precisamente, de situar segurança e confiança na experiência de amizade em um regime de visibilidade sexual circunscrito por uma gramática moral particular, que implica uma avaliação dos custos afetivos (MELO, 2016; OLIVEIRA, 2016a,2016b; SANTANA, 2017).

Os custos afetivos que a negociação da visibilidade sexual implica, nesse sentido, dizem respeito ao momento

em que uma pessoa descobre sua sexualidade mas tem receio de expô-la publicamente, inclusive tendo vergonha de si mesma e se sentindo inferior às pessoas consideradas *normais*, por possuírem uma sexualidade dita *normal*, isto é, dentro da normalidade heteronormativa –, a dor pessoal de se saber diferente, o receio de aproximar-se de outra pessoa e revelar seus sentimentos e desejos [...] A descoberta da diferença, a vivência clandestina da sexualidade dissidente, os medos, os receios, a vergonha, acompanhada pelo estigma, pelo preconceito e pela estigmatização cotidiana, assim, é observado e compreendido como uma ruptura biográfica. Ruptura biográfica esta que leva as entrevistadas [...] a processar as suas experiências individuais de [negociação da visibilidade]. (KOURY, 2016, p. 9-10)

Esses elevados custos afetivos também estão marcados pelo medo e pela insegurança individual. Assim, à noite, ao chegar em casa depois de mais

## INTER-LEGERE

---

### SEGURANÇA E CONFIANÇA NA EXPERIÊNCIA DA AMIZADE

Jainara Gomes de Oliveira

um dia de trabalho, Clarice sentou-se à mesa e disse a sua mãe que elas precisavam conversar sobre um assunto delicado, porém muito importante para ela. Clarice disse ter se sentido temerosa e muito insegura, pois era a primeira vez que conversava a mãe a respeito de sua sexualidade. Disse também que, antes daquela conversa, elas não eram muito próximas.

Mas, como relatou Clarice, sua mãe já sabia do que se tratava. Antes mesmo de Clarice explicitar o assunto, sua mãe disse que ela não precisava se preocupar com uma possível rejeição, porém recomendou que ela mantivesse uma postura pública discreta.

*“Minha filha, eu só peço que você tenha discrição, porque isso ainda é um assunto muito polêmico. Hoje em dia você sabe que tem muita gente que discrimina esse comportamento. Se você puder ser um pouco mais cautelosa, evitar fazer certas coisas na frente dos outros, seria bom pra não denegrir sua imagem.”*

Clarice ressalta que sua mãe estava preocupada com as possíveis retaliações físicas e morais que poderia sofrer ao assumir publicamente seu relacionamento com mulheres. Sentindo-se ainda muito insegura em relação à decisão tomada naquele momento, Clarice perguntou se as portas de casa continuariam abertas se ela retornasse. Sua mãe respondeu:

*Você é minha filha. Do que jeito que você está saindo eu quero que você volte. Se tiver que voltar, volte. Eu só não quero ver você por aí passando fome ou outra necessidade. O dia que você se arrepender, ou que você quiser voltar, a casa estará sempre aberta.*

Ao lembrar aquela conversa, Clarice me contou que essa decisão foi motivada, particularmente, por acreditar que seria errado transar com mulheres na casa da mãe, por isso preferia morar sozinha. Clarice também ressalta que não queria que sua mãe “fosse a última a saber de um segredo que todas as outras pessoas já sabiam”.

Essa ressalva me parece bastante instrutiva para elucidar a discussão aqui proposta. Considero oportuna, nesse sentido, uma aproximação analítica com as reflexões sugeridas por Eribon, a saber:



a estrutura do armário é tal que ninguém jamais está simplesmente fora ou dentro, mas sempre, ao mesmo tempo, fora e dentro, mais ou menos fora ou mais ou menos dentro, conforme os casos e as evoluções pessoais. Ninguém jamais está totalmente dentro, na medida em que [...] o “armário” sempre é suscetível de ser um “segredo público”, e sempre há pelo menos uma pessoa que sabe e de quem se sabe ou se imagina que sabe. Ninguém jamais está totalmente fora, pois sempre é possível, num momento ou noutro, ser obrigado a calar sobre o que é. (2008, p. 142)

Em consonância com essas reflexões, como sugeri em outro estudo (OLIVEIRA, 2015), o segredo se caracteriza por seu caráter individualizador nas relações sociais de diferenciação pessoal. Existe uma tensão que marca a intencionalidade ou não intencionalidade da ocultação e da revelação do segredo. Uma tensão que, contudo, pode ser desfeita no instante em que se revela o segredo. A esse respeito, eu também gostaria de sublinhar o aspecto “polichinelo” do segredo como outro traço particularmente importante dos relatos de Clarice.

Neste artigo, a noção “segredo de polichinelo” diz respeito à ação orientada de fechar os olhos a uma prática considerada moralmente dissidente, conduzindo-a, ao alcance dos olhares, à experimentação secreta e clandestina. Nesse sentido, quando Clarice diz que todos já sabiam de sua suposta (homo)sexualidade, ela se refere a todos presumirem o segredo de seus relacionamentos com mulheres. Para ela, seus amigos e familiares “fechavam os olhos” aos seus relacionamentos, mas publicamente essas pessoas consideravam a (homo)sexualidade uma prática vergonhosa, que deveria ser vivenciada de modo clandestino. À medida que Clarice tornou seus relacionamentos socialmente públicos, seus amigos e familiares, no entanto, encontram-se na situação de tolerar ou reprovar moralmente essa decisão.

Ao recordar a reação de seus amigos e familiares, Clarice fez a seguinte avaliação:



## INTER-LEGERE

---

### SEGURANÇA E CONFIANÇA NA EXPERIÊNCIA DA AMIZADE

Jainara Gomes de Oliveira

*Meu irmão é contra. Ele não se mete na minha vida, não dá opinião, mas eu sinto que dentro dele isso não é bem resolvido. Minha irmã, por ser mulher e ter mais afinidade comigo, já é um pouco mais aberta. Porque ela lida com todo tipo de pessoa, ela é mais aberta, mais cabeça [...].*

*Meus amigos do trabalho são mais tranquilos. Até porque lá existem outras pessoas como eu. Mas os amigos mais antigos já não são tão bem resolvidos [...]. Alguns até se afastaram, o que me fez repensar minhas amizades.*

Nesse momento da conversa, visualmente afetada pelas recordações, Clarice tenta descrever como se sentiu depois da conversa com sua mãe:

*Minha mãe foi tudo o que eu precisava. Ela foi assim... Como é que eu posso dizer... Não tenho nem palavras para dizer o que ela foi... Minha mãe teve a mente muito aberta. Eu tive toda a aceitação dela.*

Antes daquela conversa, Clarice me disse que quase não conversava com sua mãe. Depois daquela noite, no entanto, ela se tornou sua amiga mais íntima.

Desde aquele momento, ela passou a se sentir mais segura para conversar sobre relacionamentos com mulheres. Essa relação de proximidade com sua mãe mudou também seus sentidos de amizade e o que significava ter amigos.

*Hoje meus amigos reduziram muito. Você só sabe o que é a verdadeira amizade quando você está liso, ou quando está desempregado, e aquele amigo está do seu lado. Agora, quando você diz que tem amigos, mas eles se afastam quando você os procura, eles não são seus amigos. Por isso eu tenho um ciclo muito reduzido de amigos. A única segurança que eu tenho realmente é na minha mãe. Ela é aquela amiga com quem eu posso chegar e desabafar, contar o que estou passando.*

Esse relato de Clarice possui extrema relevância, pois assinala uma desessencialização e uma desnaturalização das fronteiras simbólicas entre relações familiares e relações de amizade como mutuamente exclusivas. No relato de Clarice, a segurança e a confiança estruturam suas experiências

## INTER-LEGERE

---

### SEGURANÇA E CONFIANÇA NA EXPERIÊNCIA DA AMIZADE

Jainara Gomes de Oliveira

de amizade. E ao tomar sua mãe como amiga mais íntima, ela reorganiza seus sentidos do que significa ter um(a) amigo(a).

Como procurei aludir anteriormente (OLIVEIRA, 2015), a amizade a partir de uma perspectiva antropológica implica um gesto de abertura ao outro, que se caracteriza pelo encontro e pelos sentidos das afinidades que as pessoas estabelecem para continuar a relação. Marcada pela confiança e intimidade, tal aberturas e constitui pela possibilidade da quebra de confiança. A amizade implica também, nesse sentido, um campo de vulnerabilidades onde confiança e confiabilidade precisam ser negociadas cotidianamente.

Neste artigo, assinalo a confiança como um sentimento de segurança íntima, e a confiabilidade, como a ação de conceber ou conceder confiança. Assim, entendo a confiança e a confiabilidade como dois sentimentos mutuamente implicados. Por segurança, por sua vez, entendo o sentimento de superação do medo. Do mesmo modo, entendo que segurança e confiança não se desvinculam analiticamente. Assim, na análise antropológica aqui elencada, esses sentimentos marcam os sentidos de amizade de Clarice.

Na visão dela, as relações de amizade poderiam ampliar sua rede de sociabilidade e, principalmente, alargar os limites oferecidos por suas redes familiares. Quando Clarice decidiu assumir publicamente seus relacionamentos com mulheres, ela acreditava que a aceitação entre seus amigos seria “mais fácil”, pelo menos entre seus amigos mais próximos. Ao mesmo tempo, ela acreditava que a rejeição de sua mãe seria “inevitável”, já que a mesma era religiosamente conservadora.

No entanto, apesar dos sentimentos de incerteza e insegurança, assim como o medo de rejeição e de quebrar a confiança, Clarice decidiu que não viveria mais seus relacionamentos em segredo. Ela sentia-se, sobretudo, “envergonhada por mentir”. A esse respeito, entendo que

[n]o processo de tensão entre as fronteiras e hierarquias simbólicas da ocultação e da revelação, a experiência social e individual da vergonha e da dor marca a relação de [Clarice com sua mãe]. A vergonha e a dor derivam, assim, do medo de quebrar os vínculos de confiança e confiabilidade estabelecidos com [sua mãe]. Deste modo, como uma obrigação moral de

## INTER-LEGERE

---

### SEGURANÇA E CONFIANÇA NA EXPERIÊNCIA DA AMIZADE

Jainara Gomes de Oliveira

preservação dos vínculos familiares, a experiência da vergonha se apresenta dolorosa, produzindo efeitos significativos na constituição de sua curva de vida. A dor, por sua vez, se expressa social e individualmente a partir dessa ordem moral produzida e vivenciada pela experiência de envergonhamento. (OLIVEIRA, 2015, p. 27)

Ao se sentir aceita por sua mãe e, ao mesmo tempo, ter suas práticas afetivo-sexuais moralmente reprovadas por amigos próximos, Clarice passou a defini-la como amiga íntima, com quem ela se sentia mais segura para compartilhar experiências cotidianas e conversar sobre suas relações. Sentindo-se ainda um pouco insegura, contudo, no início ela preferia não apresentar suas parceiras, mas com o passar do tempo acabou levando-as para conhecê-la. Assim, sublinho que

a relação de amizade que ela construiu com [sua mãe] se configura por um sentimento de segurança íntima. Sentimento este oriundo de um processo de afinidades e marcado pelas experiências próximas compartilhadas, assim como pela confiança depositada na relação, a qual, nesse sentido, permite à[Clarice] revelar os segredos mais íntimos para a sua [mãe]. (OLIVEIRA, 2015, p. 29)

Com um sorriso aberto, Clarice recorda-se de uma vez em que estava passeando com sua mãe pelo calçadão da orla de João Pessoa. Naquele momento, ao ver uma mulher passar próximo a elas, sua mãe lhe disse que aquela mulher “fazia o tipo” de Clarice. Em sua visão, esse gesto revelava como a construção cotidiana da amizade implica também o sentimento de respeito. Nesse sentido, “o fato de se sentir respeitada e a confiança mútua depositada na relação passaram a conferir os sentidos de continuidade e permanência dos laços recíprocos entre elas” (OLIVEIRA, 2015, p. 30).

Existiria entre elas, como ressalta Clarice, uma permanente intenção de preservar a amizade, protegendo-a de uma possível quebra de confiança. O fato de ter segurança na lealdade e fidelidade que sua mãe depositava nessa amizade criava um elo de reciprocidade entre elas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, a partir de uma análise antropológica, analisei como se articula a relação entre segurança e confiança na experiência da amizade. Situei os sentidos objetivados por Clarice para assinalar como o sentimento de segurança e confiança está analiticamente imbricado em sua narrativa. Mais ainda, sugeri como a visibilidade sexual está envolta em dilemas morais e éticos, bem como por significativos custos afetivos, o que também oferece implicações analíticas para entender a experiência da amizade.

As narrativas de Clarice, à medida que desessencializam e desnaturalizam as fronteiras entre as relações familiares e de amizade como mutuamente exclusivas, assinalam os sentimentos de segurança e confiança como estruturantes das experiências de amizade. Com isso, essas narrativas também colocam em relevo a importância analítica de se entender a amizade a partir de seus diferentes sentidos. Pois uma definição essencialista e naturalizada da amizade perderia as particularidades que marcam esses diferentes sentidos.

Assim, ao procurar entender as experiências de amizade de Clarice a partir dos sentimentos de segurança e confiança, também procurei ampliar o sentido de amizade que predomina nos estudos etnográficos contemporâneos.

### REFERÊNCIAS

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Introdução à sociologia da emoção**. João Pessoa: Manufatura, 2004.

\_\_\_\_\_. **Emoções, sociedade e cultura**. Curitiba: CRV, 2009.

## INTER-LEGERE

---

### SEGURANÇA E CONFIANÇA NA EXPERIÊNCIA DA AMIZADE

Jainara Gomes de Oliveira

\_\_\_\_\_. **Estilos de vida e individualidade:** escritos em antropologia e sociologia das emoções. Curitiba: Appris, 2014.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: OLIVEIRA, Jainara Gomes de. **Prazer e risco nas práticas homoeróticas entre mulheres.** Curitiba: Appris, 2016.p. 7-11.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; BARBOSA, Raoni Borges. **Da subjetividade às emoções:** a antropologia e a sociologia das emoções no Brasil. Recife: Edições Bagaço; João Pessoa: Edições GREM, 2015. (Série Cadernos do GREM, n. 7).

MALUF, Sônia Weidner. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 69-82, dez. 1999.

MELO, Mariana Soares Pires. **Formas de violência contra mulheres lésbicas:** um estudo sobre identidades, práticas e discursos. Dissertação (Mestrado em Sociologia) –Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

OLIVEIRA, Jainara Gomes de. **Prazer e risco.** Um estudo antropológico sobre práticas homoeróticas entre mulheres em João Pessoa, PB. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

\_\_\_\_\_. Quando o armário é aberto: confiança e segredo na experiência da amizade. Dossiê “gênero, sexualidade, emoção e moralidade”. **Revista Equatorial**, Natal, v. 2, n. 3, p. 13-35, 2015.

\_\_\_\_\_. **Prazer e risco nas práticas homoeróticas entre mulheres.** Curitiba: Appris, 2016a.

\_\_\_\_\_. **Regimes de visibilidade sexual e mundo moral:** identidades, sentimentos e moralidades entre mulheres com condutas homoeróticas em João Pessoa, PB. In: SIMPÓSIO DE PESQUISA PÓS-GRADUADA “VIDA SOCIAL E MORALIDADE” – ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 40., 2016, Caxambu. **Anais...**Caxambu: Anpocs, 2016b. No prelo.

SANTANA, Tarsila Chiara Albino da Silva. **Da house music à bagaceira:** uma etnografia sobre música eletrônica, espacialidade e (homo)sexualidade masculina em Recife, PE. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007.